

CONSUMO / Comerciantes e compradores estão na expectativa para o dia 25. Entidades estimam aumento das vendas, com destaque para os eletrônicos

Varejo se organiza para a Black Friday

» FERNANDA STRICKLAND

Comerciantes e consumidores já esfregam as mãos à espera da próxima sexta-feira. É quando se realiza a Black Friday, uma das datas mais importantes para o comércio varejista do país. A previsão deste ano é de recorde no faturamento, suficiente para recuperar os saldos de 2021 e 2020 — que não tiveram o resultado esperado devido à crise econômica. Mas o dia 25 é uma data também que inspira cuidados, pois os mais afobados e imprudentes podem ser vítimas de golpes ou se deixar levar pelas falsas promoções.

De acordo com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), a Black Friday já é a quinta data mais importante do varejo, atrás apenas do Natal e dos dias das Mães, das Crianças e dos Pais. Levantamento realizado pela consultoria Conversion apontou que 96% dos consumidores on-line pretendem aproveitar a próxima sexta-feira para obter algum artigo este ano.

A Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm) estima um aumento nas compras de 3,5% em relação ao ano passado, com destaque maior para a venda de equipamentos eletrônicos — a expectativa é de um giro de R\$ 6,05 bilhões e de 8,3 milhões de pedidos dos consumidores.

A alta procura por eletrônicos se deve, também, à Copa do Mundo, que começa hoje, no Catar. O evento já vem alavancando o interesse por Smart TVs e outros aparelhos para os amantes dos jogos de futebol. As categorias mais aquecidas para este ano devem ser telefonia, eletrônicos, informática, eletrodomésticos e eletroportáteis, moda, beleza e saúde.

A menor oferta de frete grátis também é um fator de impacto nas vendas. A pesquisa da ABComm apontou que o preço do envio para o comprador pode influenciar em até 90% a decisão de compra de um item pela internet.

O co-fundador do site de descontos Reduza, Alessandro Fontes, avalia que não há a necessidade de esperar para comprar no dia 25, pois pode ser que o item desejado não entre em promoção na data — seria o “esquentado” da Black Friday,

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Lojas aumentam estoques para conseguir, nesta Black Friday, resultados que não vieram nos anos anteriores



Antes de clicar, faça uma busca pelo Google usando o nome da loja ou da marca. Certifique-se de que o endereço apresenta o 'http'

Ricardo Maranhão, advogado, ensinando a evitar um golpe

a “oferta antecipada”. Ele explicou que é importante utilizar as ferramentas do mercado para comparar o preço entre diferentes lojas antes de fechar negócio.

Cuidados

Com o aumento da demanda e descontos tentadores, crescem também os golpes. O advogado especialista em direito do consumidor Ricardo Maranhão dá dicas para evitar cair em fraudes. A primeira é desconfiar de links enviados por e-mail ou via aplicativos de mensagens.

“Normalmente, os sites fraudulentos se utilizam desse subterfúgio. Antes de clicar, faça uma busca pelo Google usando o nome da loja

ou da marca. Certifique-se de que o endereço apresenta inicialmente ‘https’, para garantir uma certa segurança”, recomendou.

Os sites fraudulentos podem clonar dados bancários e do cartão de crédito ou implantar vírus para o hackeamento de informações pessoais. Maranhão ressalta que é importante desconfiar de promoções altamente vantajosas. “Mesmo sendo época de Black Friday, o varejo precisa ter lucro. Não faz sentido um desconto irreal de um produto”, frisou.

Em caso de fraudes, é possível procurar meios legais para se obter algum ressarcimento. “Caso descubra que a propaganda é fraudulenta, envie a informação ao Procon e ao Serasa”, adverte Maranhão.

Dicas para não se chatear

A cada ano, mais consumidores antecipam as compras de Natal na Black Friday. Para não errar a mão, o consultor financeiro da GetNinjas, Cláudio Munhoz, dá sugestões.

1 Programe seus gastos

O ideal é reservar uma quantia para gastar. De preferência, junto o dinheiro com antecedência. Além de organizar uma reserva para a data, Munhoz orienta que os consumidores tenham objetivos. “O segredo é analisar o que de fato é necessário, focar neste produto específico e comparar preços.”

2 Cuidado com a "Black Fraude"

O termo foi criado pelos consumidores para denunciar falsas promoções ou descontos fantasmas. Para saber se as promoções realmente valem a pena, Munhoz recomenda o acompanhamento da variação de preços dos produtos. Além disso, ele salienta que o interessado deve entender se a intenção de obter o produto é guiada pela necessidade ou só pela vontade de comprar.

3 Pague à vista

É preferível que o consumidor escolha essa modalidade até nas compras do dia a dia. Assim, foge dos juros de um parcelamento e consegue descontos expressivos. No formato “à vista”, a dívida não segue pelos meses seguintes, não compromete o orçamento e permite novas compras. Munhoz, porém, faz uma ressalva: se o lojista não dá desconto, não precisa fazer a compra à vista.

4 Se sobrar dinheiro, guarde!

Apesar da tentação, é preferível guardar o dinheiro e transformá-lo em algum investimento que dê bom rendimento. “As decisões de compra devem ser sempre pautadas pela necessidade, e não pelo consumismo”, alerta Munhoz.

5 Devo ou não gastar?

Faça uma autoavaliação antes da compra. É uma necessidade? O preço é realmente bom? Se as respostas forem sim, aproveite a oportunidade. Do contrário, não gaste por impulso.

Onde encontrar as melhores promoções?

É fundamental entender o perfil da sua compra: se você já sabe o que quer e não pretende nada além, acompanhe nos sites das lojas e utilize ferramentas que alertem para quedas de preços.

Mas se você gosta de aproveitar oportunidades, há canais para monitorar e ser avisado a tempo — lembre-se que ofertas muito agressivas duram pouco:

- Cadastre seu e-mail nas lojas para receber ofertas. As empresas sempre priorizam as melhores promoções para suas bases de clientes;
- Tem preferência por alguma loja e não quer perder as promoções? Baixe o aplicativo e fique de olho nas notificações;
- Nas comunidades e fóruns da web, consumidores sempre compartilham ofertas e descontos que encontraram;
- Segundo pesquisa Mobile Time, 99% dos brasileiros usam o WhatsApp. Assim, por esse canal se fica sabendo de ofertas selecionadas pelas equipes de promoções. A mesma regra serve para o Telegram.



Brasil S/A
por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

De miados a latidos

Dois meses antes da eleição em primeiro turno, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva ouviu, depois de afirmar a um interlocutor que estava convencido de que seria eleito, que então deveria começar a se preocupar com dois eventos mais certos do que o resultado então incerto das urnas. Ambos estão acontecendo.

Um seria a sem-cerimônia do atual e do futuro Congresso em manter o governo sob rédeas curtas, graças ao mal afamado “orçamento secreto” — na prática, o semipresidencialismo, em que o presidente da Câmara, mais este que o do Senado, governa a Lei Orçamentária Anual (LOA).

O outro evento pule de 10 seria a pressão do tal mercado para que fossem retomadas as reformas econômicas e a austeridade fiscal. As duas foram abandonadas pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e seu ministro da confiança dos financistas para lançar a mais ampla, e irregular, baciada de ações eleitoreiras para angariar o voto do eleitorado pobre fiel a Lula.

O tal do mercado fingiu não ver, nem seus porta-vozes na imprensa e os economistas que agem como cães de guarda da disciplina financeira estatal, vigiando a dívida do Tesouro Nacional e o resultado da LOA.

Foi com a complacência desses vigilantes que o governo descobriu, no fim do ano passado, que Bolsonaro tendia a uma derrota humilhante sem algum mimo aos dois terços da população em situação de pobreza, em especial depois do Auxílio Emergencial de R\$ 600 na pandemia, decisão mais do Congresso que do presidente, que expirou no fim de 2020.

Ele voltou, rebatizado o Bolsa Família de Auxílio Brasil, no valor de R\$ 400 este ano, sendo ampliado para R\$ 600 a partir de agosto, mas com validade até dezembro. Como Bolsonaro ainda corria riscos nas pesquisas, surgiram outros agrados — ao caminhoneiro, ao taxista etc.

Esse é o contexto da revolta, digamos assim, do mercado com a ideia fomentada por Lula, mas de fato concebida no Congresso, para tornar permanente o bônus de R\$ 600, que volta a se chamar Bolsa Família, e sua exclusão do teto de gasto orçamentário. Lula fez o contraponto entre responsabilidade fiscal e responsabilidade social e o mercado não lhe perdoou. Essa discussão está mal posta, mas não bem por ele.

Jogo sujo do Orçamento

A questão mais premente é a camisa de força posta pelo Congresso na execução do Orçamento, com a cumplicidade de Bolsonaro e Paulo Guedes, envolvendo emendas de desembolso não obrigatório chamadas de RP9, ou “emendas de relator”, da lei orçamentária (o tal orçamento secreto).

A continuidade desse esquema está na proposta da LOA de 2023, enviada pelo ministro da Economia ao Congresso, reservando R\$ 19,5 bilhões à conta esdrúxula das RP9, pois feita sem nome do parlamentar que pede o recurso (sob a forma de emenda à LOA) e à margem dos mecanismos de controle do Tribunal de contas da União (TCU). E não só: a proposta da LOA, embora preveja o gasto com o pagamento de R\$ 405 do Bolsa Família em 2023, não provisionou o adicional de R\$ 200 anunciado pelo próprio Bolsonaro.

Não para por aí. Desde 2021, quando tais emendas deram a direção da Câmara ao deputado Arthur Lira (PP-AL), os fundos assim liberados implicaram o esvaziamento de programas essenciais e mandatórios, como o SUS, o Farmácia Popular, o Médico da Família, para órgãos como Ibama, Funai e o Fundeb (da educação básica), a compra de vacinas, e por aí vai. É do que falava Lula ao criticar não a responsabilidade fiscal, mas quem a defende ignorando as lambanças com o Orçamento.

Se ceder ao jogo sujo do orçamento secreto, será um presidente sem Presidência.

Muita calma nessa hora

Salvo por ingenuidade imperdoável, os economistas que viram na fala de Lula sinal de volta ao descontrolado do governo Dilma Rousseff não sabem do que falam. Começa pelo risco de solvência, que não há. O grosso da dívida pública é detida em reais, não em dólares. E a inflação?

Seria um risco se causa fosse relacionada a “gastança fiscal”, o que é inapropriado falar. A PEC do Bolsa Família não expande gasto, ela se propõe a continuar o que já está combinado e a repor na LOA o que um governo responsável jamais poderia ter tolerado dissipar como se fez para preservar o fluxo do dinheiro paroquial das emendas.

Deve-se salientar, também, que toda LOA desde 2017 saiu da Fazenda ao Congresso com meta de déficit primário não muito diferente do atual, em torno de R\$ 160 bilhões, rubricado por um dos economistas do tal mercado preocupado com o novo governo. Em carta aberta a Lula, os seus autores alertam para o Banco Central (BC) ter de voltar a elevar a taxa de juros, vulgo Selic, contra a inflação e a ansiedade dos investidores.

Será? Sim, segundo disse o presidente do BC, Roberto Campos Neto, na manhã de sexta-feira. “Se a convergência que planejamos não estiver acontecendo, precisaremos agir”, advertiu. Como assim, se os papéis do Tesouro são indexados à inflação e já pagam juros reais de oito pontos de porcentagem acima do IPCA em 12 meses? Isso foi inapropriado.

A independência do BC não o fez um ente estranho às políticas do governo eleito.

Lula intui tal como Biden

Falta aos analistas inquietos que batem ponto nos canais a cabo uma máxima do economista austríaco Joseph Schumpeter: “A economia é uma disciplina observacional e interpretativa” — como me lembrou o professor Leonardo Burlamaqui, da UERJ. E não só aqui.

Se Joe Biden tivesse dado ouvido aos “economistas da torre de marfim e aos especialistas inalcançáveis” do Partido Democrata, gente como Lawrence Summers, os republicanos de Donald Trump teriam feito maioria no Senado e na Câmara. Como escreveu a senadora Elizabeth Warren, logo após saber que os democratas ampliaram sua maioria no Senado, todos eles advertiram que os programas de investimentos públicos e auxílio às famílias eram “uma má política”. A intuição de Lula é semelhante.

O que lhe cobram, ele revelará tão logo o trabalho duro sobre a PEC do Bolsa Família esteja endereçado. Com o campo pavimentado, anunciará os ministros da área econômica. Em suma: é cedo para estar recebendo esporro de quem não sabe da missa a metade.